

# Entrevista com José Mindlin

## *Interview with José Mindlin*

Concedida a Beatriz Kushnir\*

Em fevereiro de 2009, o Dr. José Mindlin me recebeu em sua casa, no bairro do Brooklin, em São Paulo, para conversarmos sobre a sua experiência de colecionador de livros. A esse título ele preferia que o qualificassem juntamente com sua esposa Guita [falecida em junho de 2006] como “os guardiões destes livros que são um bem público”.

Essa entrevista, entre outras, faz parte da pesquisa que venho desenvolvendo, desde 2007, e que versa sobre a questão dos furtos às obras de bibliotecas e arquivos públicos, em todo o país.

Minha reflexão privilegia a atuação dos leiloeiros nesta seara e com o objetivo de aprofundar a investigação, solicitei ao dr. José uma entrevista que ele me concedeu de bom grado.

Ao saber de seu falecimento, e buscando uma forma de homenageá-lo, resolvi publicar nossa conversa, para mantê-lo também vivo entre nós – os leitores da Revista do AGCRJ.

José Ephim Mindlin nasceu em São Paulo, em 8 de setembro de 1914, e faleceu na mesma cidade, em 28 de fevereiro de 2010. Filho de imigrantes judeus nascidos em Odessa, formou-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Advogou por alguns anos, atividade que deixou para fundar a empresa Metal Leve que, mais tarde, tornou-se uma potência nacional no setor de peças para automóveis.

José Mindlin deixou a empresa em 1996. Posteriormente, entre outras atividades, presidiu a Sociedade de Cultura Artística. Por toda a vida dedicou-se integralmente a uma paixão que tinha desde os treze anos de idade: colecionar livros raros. Seu primeiro livro foi *Discours sur l'Histoire universelle* de Jacques-Bénigne Bossuet, de 1740. Ao completar 95 anos de idade, acumulava um acervo de aproximadamente 40 mil volumes, incluindo obras de literatura brasileira e portuguesa, relatos de viajantes, manuscritos históricos e literários (originais e provas tipográficas), periódicos, livros científicos e didáticos, iconografia e livros de artistas (gravuras).

Em 20 de junho de 2006, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, onde passou a ocupar a cadeira número 29, sucedendo a Josué Montello. No mesmo ano, decidiu doar todas as obras brasileiras da sua vasta coleção à Universidade de São Paulo (USP), compondo, assim, a “Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin”.

---

\* Beatriz Kushnir é pós-doutora em História e diretora do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Beatriz Kushnir: Vou deixar aqui pertinho do senhor...

**José Mindlin:** Olha, eu praticamente não sei nada desse mundo de leilões que eu não frequento. Não fui a nenhum leilão de livros ou objetos de arte, porque tenho uma sensação de que não é um mercado muito bom. Não quero fazer acusações, mas não me sinto a vontade, e leiloeiros eu não frequento porque é uma oportunidade de valorizar obras que valem muito menos no mercado de livros do que alcançam no leilão, o que é uma anomalia. Eu sempre comprei nas livrarias, ou nas livrarias do exterior quando viajava, ou recebendo catálogos de ofertas, então...

Beatriz Kushnir: Mas nunca o senhor quis um livro raro, que não estivesse em lugar algum?

**José Mindlin:** É provável que sim, mas o leilão em geral procura um público que não é especializado e com isso cria para o mercado problemas grandes, porque tem preços completamente artificiais. Se a pessoa que compra no leilão de livros, e amanhã – eu só conheço um pouco mais a parte de livros – se quiser revender, só consegue uma fração do que pagou.

Beatriz Kushnir: E está pagando muito mais por um objeto, é quase como se fosse um lugar em que o objeto vira um objeto de arte com valor de mercado, mas parece que não tem importância o que está escrito.

**José Mindlin:** São completamente artificiais. Depois uma livraria pede por essa obra o preço que ela alcançou num leilão ou mais, e não vende. Olha, eu aqui [em casa] não tomo precauções especiais. Guita até reclamava que eu recebia visitas, mas eu só recebia com recomendação de pessoas conhecidas. Mesmo assim, eu sei que se corre risco. [Mas] quando o prédio ficar pronto [na USP], até o final do ano que vem ou em 2010, vai ficar bonito, vai ser uma das coisas mais bonitas. Vai atrair mais [público leitor]. [Eu] me considero depositário do acervo público

Beatriz Kushnir: Com certeza. O senhor está devolvendo a uma das maiores instituições públicas do país, para que todo mundo possa ter acesso. Eu fico pensando nesse colecionador que compra obras furtadas. Por que ele faz uma coisa dessas, já que não pode mostrar para ninguém que tem esse livro? Então, é como se tivesse barra de ouro em casa?

**José Mindlin:** É um absurdo. Eu recebo colecionadores, especialistas, às vezes livreiros do exterior tentam comprar e eu digo que não está a venda. Só uma vez tive aqui um padre fazendo pesquisa e a gente achava, a priori, que era confiável. Então, ele andou, mexia por aí sem fiscalização direta e, uns três meses depois, a pessoa que tinha me pedido para receber o padre me disse: “Olha, eu sinto muito, mas eu soube que ele rouba livros.”

Beatriz Kushnir: E roubou o senhor?

**José Mindlin:** Não dá para saber. Eu só posso saber se fui roubado se eu for por acaso procurar um determinado livro.

Beatriz Kushnir: Os livros do senhor têm marcação, têm um carimbo?

**José Mindlin:** Não.

Beatriz Kushnir: Nem aqueles carimbos sem tinta, que deixam uma marca, é quase como se fosse um relevo?

**José Mindlin:** Eu não sei se ele roubou ou não, só se aparecer uma vaga na prateleira é que eu vou ver o que está faltando. Senão, não dá para saber, a não ser que eu vá procurar especificamente um livro que desapareceu. Às vezes acontece que os livros são postos fora de lugar pelas pessoas que os consultam. Ou então fui eu mesmo que perdi. Mas não tenho experiência negativa neste sentido. Mas, em geral as pessoas que colecionam se interessam por temas muito mais restritos. Eu chamo isso de loucura mansa, mas eu tenho uma porção de interesses, então... Os livros estão catalogados e tem uma folha dentro, solta, que indica a localização. Se essa folha desapareceu ou ela caiu, ou o livro não foi catalogado..... Mas no computador está catalogado. É bem precário, eu sei. Aliás, para ter uma continuidade assegurada é que nós resolvemos fazer a doação.

Beatriz Kushnir: Gostaria de saber um pouco mais do seu processo de aquisição. Quando o senhor quer livros raros, como o senhor faz?

**José Mindlin:** Procuro em catálogos, recebo catálogos de antiquários do exterior.

Beatriz Kushnir: Que é mais confiável.

**José Mindlin:** É confiável. Quando eu tenho a menor suspeita da origem eu não compro.

Beatriz Kushnir: Como é que o senhor suspeita?

**José Mindlin:** Às vezes, pela própria raridade, ou que eu não sabia que existia esse exemplar. Então, eu frequento as bibliotecas. Eu me lembro que uma vez um livreiro me ofereceu umas gramáticas indígenas, muito raras. Fui ver, ele me pediu o preço, e eu disse: “Olha, eu gostaria de saber a origem.” Ele me ofereceu e eu disse: “olha, eu não posso resolver já.” Aí, ele disse: “ O senhor pensa que eu estou lhe oferecendo e que eu vou vender para outro? Não estou pensando em vender para outro, mas se o senhor duvida da procedência, eu lhe peço que fique com os livros e não compre enquanto eu não tiver certeza da procedência.” Era um livreiro idôneo, estavam certos quando me deram a indicação, senão eu prefiro não ter o livro a ter dúvida sobre a sua origem. No exterior é muito raro

venderem um livro roubado. Os livreiros são cuidadosos, mas assim mesmo, de um livreiro desconhecido eu não compro.

Beatriz Kushnir: Tem uma rede de pessoas que aos poucos o senhor foi conhecendo.

**José Mindlin:** Eu comecei em 1927, com 13 anos de idade, estou com 93.

Beatriz Kushnir: E o senhor se lembra de livreiros no Rio e em São Paulo nos quais o senhor comprava e o senhor achava que eram .....

**José Mindlin:** Sim, me lembro que eram idôneos.

Beatriz Kushnir: De quem o senhor se lembra?

**José Mindlin:** Lembro do Faria, da Cosmos, por exemplo, tinha tranquilidade. Margareth era uma lá do Rio. Então, eu não precisava indagar. Mas havia um livreiro no Rio que era absolutamente inidôneo.

Beatriz Kushnir: Tudo que ele tinha ...

**José Mindlin:** Ele se gabava de ter um milhão de livros no depósito, mas ele chegou a falsificar um livro da livraria Cosmos. Mas isso acaba sendo [descoberto]. E os colecionadores não são tolos, menos ainda para comprar uma coisa cara. Então, quando a esmola é grande, o santo desconfia.

Beatriz Kushnir: Quando é que o senhor começou a perceber os meandros desse mercado de colecionadores?

**José Mindlin:** Adquirindo coisas do meu interesse imediato. Isso foi em 1927 e eu levei uns 10 anos comprando sem pensar no que viria a ser a biblioteca. Mas o número de livrarias em São Paulo era muito limitado, as pessoas eram conhecidas. Então, veio uma pessoa desconhecida oferecer umas coisas boas. Uma vez veio e eu telefonei para um colecionador que tinha se queixado de que haviam roubado algumas obras dele, entre elas essa. Telefonei para ele, telefonei para a polícia, pedi para deixar os livros no escritório para eu poder examinar com calma. Ele veio, retirou os livros e vendeu para não sei quem. Em 1930 eu comecei a vir ao Rio, era até bastante precoce, eu não tinha 16 anos e entrei para a redação do [jornal] O Estado de São Paulo. É claro, era uma formação empírica, mas muito mais sólida. Aprendi a escrever na redação do Estado, fiquei conhecendo os bastidores da política e da sociedade, isso com 16 anos. Havia pessoas mais velhas do que eu, por exemplo, tinha uma biblioteca boa, era diretor da repartição. As bibliotecas, quase todas que eu conheci, foram sendo vendidas.

Beatriz Kushnir: Como o senhor define e percebe esse sentimento da coleção, essa compulsão.

**José Mindlin:** Mas eu, por exemplo, não tenho a compulsão. A compulsão é ... Se eu sinto que a pessoa está exagerando, está pedindo para mim um preço que não é o real .... Então, eu simplesmente não comprava. Ou então, uma pessoa que me oferece livros pelo preço, primeiro elas me oferecem os livros dizendo que aceitariam o preço que eu oferecesse. Eu digo “Não, isso eu não faço, porque você vai ouvir outras pessoas. Você tem que procurar vender o que você está me oferecendo a vários livreiros que se oferecerem 100 é porque querem vender por 200. Se você tiver 3 ou 4 ofertas dessas, então eu ofereço 150. Pago menos do que pagaria numa livraria e você recebe mais. Mas eu não sou escravo do livro, quando a pessoa pede um preço muito alto e depois faz um desconto de 50 % eu não aceito. Eu digo: “ Se você podia me vender por 50%, não devia ter pedido 100.” Eu não sou escravo dos livros.

Beatriz Kushnir: Como é isso, como o senhor pensou nisso? Como, num determinado momento, o senhor viu que não faria qualquer coisa para adquirir uma peça?

**José Mindlin:** Procuo, procurava muito, mas tinha limites para o que eu achava que era um limite razoável, que é imponderável também. No exterior você tem catálogos em quantidade, então você estabelece.

Beatriz Kushnir: O senhor já compra pela internet?

**José Mindlin:** Pouca coisa. Ultimamente, há muitos anos estou comprando muito menos, porque já tenho uma quantidade. ..

Beatriz Kushnir: Teve alguns volumes que o senhor procurou muito? Quais foram alguns desejos que o senhor perseguiu por muito tempo?

**José Mindlin:** A primeira edição de O Guarani, de José de Alencar. Eu soube que um grego ofereceu aos colecionadores do Rio, pedindo três mil dólares e eles não compraram porque acharam caro. Acontece que d'O Guarani só se conheciam dois exemplares da edição original, então, se a pessoa quer ter o livro tem que se sujeitar a pagar mais. E, no caso, o preço era pouco. Mas, quando eu soube, o grego já tinha partido e eu custei a localizar. [Ai,] eu recebi um catálogo de Londres anunciando, então eu resolvi comprar e disse: “Olha, pago até cinco mil dólares, mas também quero comprar o livro. Se for uma diferença pequena, vá em frente.” Houve um leilão na Inglaterra, e então mandei um telegrama querendo comprar e perguntei, nesse meio tempo, ao livreiro quanto ele achava que alcançaria o livro. Ele me disse: “20 libras”. “Não é possível, pode ser mais, em todo caso quero comprar. “No dia do leilão, telefonei para a livraria em Londres, e o livreiro a quem eu tinha encomendado disse: “Não comprei porque estavam oferecendo por 60, alcançou 60 libras, o senhor tinha falado em 20, achei que o senhor ia ficar aborrecido”. Eu disse:

“Aborrecido estou agora.” Mas, depois eu soube que o livro era do grego e que ele retirou do leilão. Passaram uns 15 anos com essa brincadeira.

Beatriz Kushnir: E o senhor conheceu esse grego, finalmente?

**José Mindlin:** Conheci depois de 15 anos. Houve um leilão em Paris e eu fui a esse leilão e o dono da livraria Cosmos me disse: “Olha, eu tenho uma surpresa para você, o grego está aqui em Paris e O Guarani está comigo. Eu falei com ele, não quero ganhar nada, você se entende com o grego. “Foi uma coisa épica, eu e o grego discutindo. Ele pedia cinco mil dólares, ofereci quatro e acabei comprando por quatro.

Beatriz Kushnir: Em que ano?

**José Mindlin:** 1977.

Beatriz Kushnir: Quatro mil dólares era muito dinheiro.

**José Mindlin:** Era, mas quatro mil dólares a gente recupera. E era o exemplar d’O Guarani que procurei durante quinze anos. Estava disposto a pagar mais, se fosse o caso, mas não faço loucuras. No caso d’O Guarani, especificamente, provavelmente eu iria até 10 mil dólares, mas não foi preciso. Uma boa parte, [dos livros] eu me lembro onde comprei.

Beatriz Kushnir: O que mais o senhor teve como objeto de desejo? Dr. José, o senhor tem os três volumes do Debret?

**José Mindlin:** Tenho. Comprei em Paris, faz uns 30 anos. Foi uns 2 mil dólares. São 150 [pranchas]. A Guita examinou rapidamente o Debret na livraria e achou que estava faltando uma gravura. E o livreiro disse: “Não, não falta. Ela com certeza está fora de lugar, mas não falta.” Então, eu comprei, dois mil dólares. Vieram o livros, a Guita examinou com cuidado e faltava um. Aí, reclamei com o livreiro e ele disse: “Se o senhor acha que está faltando o senhor me devolve o livro. Eu não posso fazer nada.” Acabei conseguindo a tal gravura que faltava. Mas, em geral, não compro livro de ... Eu prefiro não ter o livro a ter um exemplar incompleto.

Beatriz Kushnir: Que outro objeto o senhor perseguiu?

**José Mindlin:** Foi mais a Brasileira mesmo.

Beatriz Kushnir: A Brasileira tem mais lá fora do que aqui.

**José Mindlin:** É, Londres e Lisboa são grandes fontes. Eram grandes fontes.

Beatriz Kushnir: O grego contou para o senhor como esse O Guarani..... ? Porque isso dá uma bonita história também

**José Mindlin:** Não me disse, ele se dizia colecionador, mas era um negociante.

Beatriz Kushnir: Onde o senhor acha que fica o limite entre um colecionador e um negociante?

**José Mindlin:** O que vende. Eu, por exemplo, não vendo livros, posso trocar.

Beatriz Kushnir: O senhor já trocou alguma vez?

**José Mindlin:** Já, geralmente exemplares duplicados. O que eu não tinha, o que eu tenho não vou abrir mão. Compro duplicatas para usar em trocas, ou presentes. Tenho muitos livros aqui, por exemplo, vem o colecionador da poesia completa de Casimiro de Abreu, um amigo, e diz: “Puxa, esse eu não tenho, procuro há tempos.” Eu respondo “ Se você não tem, vai poder dizer que não tinha, porque vou te dar o exemplar, tenho uma duplicata.” Então, a duplicata é para isso, mas tem um limite de preço também para a duplicata.

Beatriz Kushnir: Como o senhor se organizava, quanto do seu orçamento o senhor achava que era para isso ou não tinha ...

**José Mindlin:** Não era muito organizado. Às vezes a Guita, quando ela sentia que o livro me interessava, ela dizia “ Bom, depois a gente se preocupa.” Passava do orçamento. Nunca fui metódico. Sou bastante desorganizado.

Beatriz Kushnir: Mas teve um momento em que o senhor percebeu que o mercado estava mudando e que aquele amorismo do começo ...

**José Mindlin:** Sim. Isso deve ter sido nos anos 1950. Os livreiros começaram a saber o que os outros tinham. Porque muita coisa que eu comprei, é porque eu ... As livrarias de São Paulo eram todas no Centro. Então, eu ia todos os dias aos sebos. Aí, verifiquei que um vendia a 150 o que o outro vendia por 10. Então, eu comprava o de 10, levava para o de 50 e dizia: “Olha, vou deixar aqui em consignação. Você vendendo, tira a sua comissão, e me credita o saldo.”

Beatriz Kushnir: O senhor fazia negócios?

**José Mindlin:** É. Mas não vou querer ver dinheiro, eu vou no saldo e quero receber em livros. E assim consegui comprar muitas coisas. Comprava em sebos por 10 o que eu sabia que alcançaria 30, 40, 50 ou mais. Então, quando eu comecei isso, depois de três meses, eu tinha crédito em todos os sebos de São Paulo. E aí eu comecei a comprar sem desembolsar nada. Eu não tinha mesada e não queria pedir ao meu pai dinheiro para livro que não fosse de estudo. Tinha, tinha biblioteca em casa. Agora,

papai e mamãe, mais papai, que se interessava mais por artes plásticas. Eu também gostava, mas a paixão que papai tinha herdei dirigida para livros. Que horas são?

Beatriz Kushnir: 15:20.

**José Mindlin:** 15:30 deve vir o novo cônsul de Portugal fazer uma visita de cortesia.

Beatriz Kushnir: Eu venho com calma.

**José Mindlin:** Venha com calma, eu sempre gostei de você ...

Beatriz Kushnir: Eu sei, nunca vou esquecer quando o senhor e Dona Guita vieram ao lançamento do meu livro em São Paulo e procuraram por duas livrarias até me encontrar. Foi muito bonito da sua parte. Venho com calma, quero olhar esse acervo administrativo.

**José Mindlin:** Fique a vontade, tem faturas, muitas faturas.







**Resenhas**

